



## O USO DA LÍNGUA MATERNA NAS AULAS DE INGLÊS

Abraão Soares Monteiro<sup>1</sup>

### GT7 - Educação, Linguagens e Artes.

#### RESUMO

O presente artigo tem como tema o uso da língua materna nas aulas de inglês. Ele procurou analisar a seguinte questão: é válido o uso da língua materna no processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa? Como objetivos, buscou-se mostrar se o uso da língua materna é um recurso válido no processo de ensino-aprendizagem e, também, tentou mostrar em que aspecto o uso dela facilita o processo de interação entre professor e aluno. Metodologicamente, foram observadas aulas em uma escola da rede pública e descritas para análise. Concluiu-se que o uso da língua materna é um fator facilitador para aprendizagem do conhecimento sistemático, mas não ajuda aos alunos a utilizar a língua inglesa em situações reais de comunicação; o uso da língua materna, por um lado, não prejudicou a interação com o professor dos alunos que estão adaptados ao ensino tradicional, mas por outro, o uso da língua materna não se constituiu em fator estimulante para aprendizagem e nem de participação nas aulas.

**PALAVRAS-CHAVES:** língua materna; interação; ensino; aprendizagem.

#### ABSTRACT

This article is about the use of mother tongue in English classes. It sought to analyze the following question: is the use of the mother tongue valid in the teaching-learning process of the English language? As objectives, it tried to show if the use of the mother tongue is a valid resource in the teaching-learning process and also tried to show in which aspect the use of it facilitates the process of interaction between teacher and student. Methodologically, classes were observed at a public school and described for analysis. It was concluded that the use of the mother tongue is a facilitating factor for learning systematic knowledge, but it does not help students to use the English language in real communication situations; on one hand, the use of the mother tongue did not interfere with the interaction between teacher and students who are adapted to the traditional teaching system, but on the other, the use of the mother tongue was not a stimulating factor for learning and participation in classes.

**KEYWORDS:** Mother language; Interaction; Learning; Teaching.

---

<sup>1</sup> Licenciado em Educação Física Plena pela Universidade Federal de Sergipe. Graduando do curso de Letras Licenciatura em Inglês da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: abraasm@hotmail.com



## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como tema o uso da língua materna nas aulas de inglês. O interesse por ele surgiu durante a observação das aulas de inglês dentro de uma escola da rede pública onde o professor usava a língua materna como um recurso para o ensino desta língua. Observando os procedimentos metodológicos utilizados na sala de aula, constatou-se que mesmo a aula sendo predominantemente ministrada em língua materna, muitos alunos respondiam a algumas perguntas do professor em inglês, então foi daí que surgiu o seguinte questionamento: É válido o uso da língua materna na aprendizagem da língua inglesa? No bojo deste questionamento, este trabalho buscou como objetivo discursar se o uso da língua materna é um recurso válido no processo de ensino-aprendizagem e, além disso, tentou mostrar em que aspecto o uso dela facilita o processo de interação entre professor e aluno. Assim, para atingirmos nossos objetivos dividimos este trabalho em cinco itens: o primeiro se trata desta introdução que dar uma visão geral do trabalho; o segundo aborda sobre o referencial teórico que fundamenta o trabalho; No terceiro descrevemos o corpus de estudo. O quarto item se prende a análise dos dados descritos no corpus de estudo. Por fim, no quinto item, teremos as considerações finais, apresentando as conclusões atingidas.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

O questionamento sobre se o uso da língua materna é válido na aprendizagem de língua inglesa leva-nos a refletir sobre que aspectos devem ser preconizados, ou seja, o que os alunos devem aprender nas aulas de inglês. Assim, tendo em vista os objetivos de mostrar se o uso da língua materna é um recurso válido dentro do processo de ensino-aprendizagem nas aulas de inglês e de tentar mostrar em que aspecto o uso dela facilita o processo de interação entre professor e aluno, temos a necessidade de discorrer sobre o que a literatura orienta acerca do ensino de língua inglesa. Diante disto, elegemos como fundamentação básica para este trabalho o que prescreve os Parâmetros Curriculares Nacionais, doravante PCNs, assim como o que fundamenta o Método da Gramática e da Tradução (The Grammar Translation Method).



A realidade da escola pública de Sergipe não é diferente daquelas situadas na mesma rede no Brasil. Apesar da previsão da língua estrangeira no currículo, muitos alunos ainda não conseguem vislumbrar o seu valor educacional.

A maioria dos alunos tem uma visão pragmática da utilidade da disciplina dentro do contexto social, ou seja, ela só para responder a prova do vestibular, o que faz com que os professores se prendam predominantemente ao ensino de conteúdos gramaticais descontextualizados que levam a uma aprendizagem não significativa.

Este valor social atribuído à disciplina, mesmo que limitado, pode auxiliar na busca de uma nova proposta de seu ensino. Com base nos PCNs, o professor terá que partir do conhecimento da realidade dos seus alunos e introduzir gêneros literários que sejam conhecidos por eles e que possam auxiliar no processo de aprendizagem.

Os PCNs para Língua Estrangeira estão lastrados em uma concepção sócio-interacionista da linguagem. Historicamente, Ré (2012) expõe que, baseado nos pressupostos de Vygotsky, surge o interacionismo social. Esta corrente considera que a criança tem um papel ativo na construção do conhecimento através da participação do outro. Na escola, esta concepção visa que o aluno seja engajado no discurso para produção de significado. Por isso, o professor deve viabilizar atividades em que os alunos sejam envolvidos com processos sociais de criar significados por meio da utilização de uma língua estrangeira.

De acordo com o documento supracitado, para que a aprendizagem se efetive é necessário que o ensino se pautar na observância de alguns aspectos os quais seguem abaixo:

- *Aprender línguas significa aprender conhecimento e seu uso:* no que tange a aprendizagem de uma língua estrangeira se deve levar em consideração que o conhecimento que está sendo aprendido tem um uso imediato, ou seja, aprendizagem e uso devem vir juntos dentro do processo de ensino.
- *A natureza sócio-cultural da linguagem:* todo significado é dialógico. Os projetos políticos, as crenças e os valores dos participantes do discurso são intrínsecos aos processos de uso da linguagem.
- *A relação entre língua estrangeira e a língua materna na aprendizagem:* de acordo com o documento o conhecimento linguístico que o aluno tem de sua língua materna pode ajudá-lo no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira fazendo a correlação do funcionamento de uma com a outra.



- *O conhecimento sistêmico, de mundo e da organização textual*: são conhecimentos que compõem a competência comunicativa do aluno e o preparam para o engajamento no discurso. O conhecimento sistêmico se caracteriza pela organização linguística que as pessoas já têm e que as permitem, quando na produção de enunciados, que façam escolhas gramaticalmente adequadas. O conhecimento de mundo é aquele que o aluno trás de acordo com suas experiências com o mundo. Já a organização textual permite que o aluno crie expectativa de seu significado. Os textos podem ser descritivos, narrativos ou dissertativos. Estes três conhecimentos são de grande importância, pois são utilizados na construção do significado para atingir propostas comunicativas.

A inclusão de uma área no currículo deve ser determinada, entre outros fatores, pela função que desempenha na sociedade. Em relação a uma língua estrangeira, isso requer uma reflexão sobre o seu uso efetivo pela população. Tomando como base o Brasil, somente uma pequena parcela da população tem a oportunidade de usar línguas estrangeiras como instrumento de comunicação oral, dentro ou fora dele. Além disso, mesmo nos grandes centros, o número de pessoas que utilizam o conhecimento das habilidades orais de uma língua estrangeira em situação de trabalho é relativamente pequeno.

Tendo como base a relevância social da disciplina é importante destacar que a redação dos PCNs argumenta que:

[...] considerar o desenvolvimento de habilidades orais como central no ensino de Língua Estrangeira no Brasil não leva em conta o critério de relevância social para a sua aprendizagem. Com exceção da situação específica de algumas regiões turísticas ou de algumas comunidades plurilíngües, o uso de uma língua estrangeira parece estar, em geral, mais vinculado à leitura de literatura técnica ou de lazer. Note-se também que os únicos exames formais em Língua Estrangeira (vestibular e admissão a cursos de pós-graduação) requerem o domínio da habilidade de leitura. Portanto, a leitura atende, por um lado, às necessidades da educação formal, e, por outro, é a habilidade que o aluno pode usar em seu contexto social imediato. Além disso, a aprendizagem de leitura em Língua Estrangeira pode ajudar o desenvolvimento integral do letramento do aluno. A leitura tem função primordial na escola e aprender a ler em outra língua pode colaborar no desempenho do aluno como leitor em sua língua materna, (BRASIL, P. 20)



No que tange ao uso da língua materna para o ensino de língua estrangeira, encontramos na literatura um método clássico de ensino que é o the Grammar Translation Method (Método da Gramática e Tradução).

De acordo com Freeman (2000), o método da gramática e tradução tem o objetivo de ajudar os alunos a ler e apreciar a literatura em língua estrangeira. Ele espera que, através do estudo da língua-alvo estudantes de gramática de língua estrangeira aprendam mais sobre a gramática de sua língua mãe, o que proporciona também o desenvolvimento das capacidades intelectuais.

A autora supracitada relata ainda que o professor, quando do uso do método da gramática e da tradução deve obedecer a alguns princípios os quais seguem abaixo:

- O propósito fundamental de aprendizagem de uma língua estrangeira é capacitar o indivíduo a ler e escrever na língua em questão;
- Um objetivo importante a ser alcançado é fazer com que os alunos sejam capazes de traduzir de sua língua para a língua alvo e vice-versa;
- A capacidade de se comunicar (oralmente) na língua-alvo não é uma meta do ensino de línguas estrangeiras;
- As habilidades primárias a serem desenvolvidas são a leitura e a escrita;
- O professor é a autoridade na sala de aula;
- É possível encontrar palavras equivalentes de língua materna em relação a língua alvo;
- É importante para os alunos a aprender sobre a forma (estrutura da frase) da língua-alvo;
- Aplicação do método dedutivo de uma regra gramatical explícita é uma técnica pedagógica útil;
- A aprendizagem de línguas oferece um bom exercício mental;
- Os alunos devem estar conscientes das regras gramaticais da língua-alvo;
- Sempre que possível, as conjugações verbais e outros paradigmas gramaticais devem estar comprometidos com a memorização;

Dentre as críticas atribuídas a este método, estudiosos argumentam que ele só ajuda os alunos a desenvolver uma habilidade da língua-alvo, ou seja, os alunos desenvolvem a habilidade de leitura. Talvez eles se tornem bons tradutores, mas eles não poderão falar a língua de forma eficaz.



É pertinente trazermos, neste ponto, uma discussão acerca da interação e da construção da aprendizagem. Segundo os PCNs, tradicionalmente a interação em sala de aula tem sido explicada por uma visão discursiva considerada típica: iniciação, resposta e avaliação. Essa interação é considerada assimétrica, pois seu controle é exercido pelo professor. Em relação ao ensino tradicional, de acordo com Libâneo (1994, p.64),

[...] o professor tende a encaixar os alunos num modelo idealizado de homem que nada tem a ver com a vida presente e futura. A matéria de ensino é tratada isoladamente, isto é, desvinculada dos interesses dos alunos e dos problemas reais de sociedade e da vida”. Segundo esta concepção de ensino, os alunos que não se moldam a esta organização discursiva típica são tidos como problemáticos.

Para superar essa visão tradicional de interação, é importante que o professor aprenda a dar voz ao aluno para que ele possa se constituir como sujeito do discurso. Como proposta de possibilidade, o professor poderia permitir que durante as aulas o tempo decorrido fosse ocupado em sua maior parte pela fala do aluno e não da sua. Assim, a questão da interação é muito importante quando do ensino de língua estrangeira uma vez que:

[...]a resistência que alguns grupos de alunos têm em relação aos padrões interacionais em sala de aula pode ser explicada por não perceberem a relevância do que está ocorrendo ali para a sua vida. É difícil se engajar em um discurso sobre o qual não se sabe nada ou que não seja significativo e motivador para quem fala, lê ou escreve. Em relação à aprendizagem de Língua Estrangeira, a questão da relevância é particularmente importante, pois o engajamento discursivo será ainda mais dificultado pelo uso de outra língua que não a materna. (BRASIL, P. 60)

Um outro aspecto que se pode destacar em relação a interação é a configuração espacial em sala de aula. De acordo com os PCNs, a maneira como ela se dá tem implicações diretas para a qualidade da interação e, desse modo, para a aprendizagem. No entanto, esta configuração espacial não é critério suficiente para que se faça com que os alunos se engajem no processo de interação em sala de aula.

### 3 DESCRIÇÃO DE CORPUS



Este item tem como objetivo descrever como as aulas de inglês eram desenvolvidas no campo investigado.

As aulas foram assistidas dentro de uma escola da rede pública estadual, situada no município de Aracaju-Se. Foram assistidas quatro (4) aulas no 9º ano de uma mesma turma.

Um dos fatos que observamos é que, metodologicamente, as aulas eram da mesma forma, e, diante disto, resolvemos descrever como exemplo apenas uma delas.

No início da aula: o professor entra e encontra os alunos sentados enfileirados tradicionalmente. Cumprimenta-os em português e os alunos respondem em português. Em seguida, é feita a chamada também em português. A maioria dos alunos durante este momento se mantem calados prestando atenção no momento em que seus nomes serão chamados para responder. Em seguida, o professor tem uma conversa informal, em português, com os alunos sobre o que será feito nas próximas aulas. Neste momento a maioria dos alunos está prestando atenção.

Após a conversa informal, o professor prossegue com o assunto, que na turma em questão, se refere ao simple present (presente simples). Ele pergunta em português: quando é que usamos o simple present? Nenhum aluno se arrisca em responder. O professor prossegue explicando quais as situações em que se utilizava esse tempo verbal. Ele fazia uma comparação do simple present com o presente simples do português, dando exemplo de frases em português no presente. Pergunta se os alunos têm alguma dúvida, alguns que estavam prestando atenção respondem que não, já outros, que não estavam prestando atenção, não responderam nada.

O professor então prossegue explicando a diferença das estruturas das frases afirmativas, interrogativa e negativas em português e explica que em inglês estes três tipos de frases têm estrutura diferente. Ele pergunta se eles tinham dúvida e a maioria gesticula com a cabeça de modo negativo. Dando continuidade, ele faz uma revisão com as pessoas verbais em inglês. Ele explica que existem regras na conjugação para estas pessoas. Durante a revisão das pessoas verbais ele vai escrevendo no quadro e pergunta: “a primeira pessoa em português é...?”, então os alunos respondem: “eu”, a professora pergunta: “e em inglês é como?” os alunos respondem “I”, em inglês. Este processo foi utilizado da mesma forma para as outras pessoas verbais, o professor perguntava quem era a pessoa verbal em português e, em seguida a correspondente em inglês. Ele explicou que para as pessoas em inglês I, YOU, WE e THEY



a conjugação segue de uma forma enquanto que para HE, SHE e IT a conjugação na afirmativa segue de uma outra forma. Toda esta explicação era feita em português.

O professor decide começar ensinando o simple present explicando as regras de conjugação para a 3ª pessoa do singular (HE, SHE, IT) na afirmativa. Ele escreve no quadro e vai explicando em português como é a estrutura da frase na afirmativa (pessoa + verbo acrescido de S, ES ou IES de acordo com as regras + complemento). Em seguida ele trabalha com alguns exercícios que copia no quadro para a fixação das regras.

O exercício proposto foi preencher as lacunas com a forma verbal correta. O aluno deveria fazer as devidas alterações no verbo de acordo com o simple present. Os exercícios seguem abaixo:

1. Preencha os espaços abaixo com os verbos adequados. Faça as devidas alterações de acordo com o simple present.

EAT – FIX – WASH – LOVE – CRY – SING – WATCH.

- a) Tom \_\_\_\_\_ ten sandwiches every Monday.
- b) Ana \_\_\_\_\_ her car every Sunday.
- c) Zeca Pagodinho \_\_\_\_\_ “pagode” very well.
- d) Mary \_\_\_\_\_ Bob very much.
- e) The baby \_\_\_\_\_ very much.
- f) Mr. Silva \_\_\_\_\_ cars every day.
- g) My brother \_\_\_\_\_ TV every night.

Neste primeiro exercício o professor deu um tempo para que os alunos respondessem. Em seguida, ele fez a correção em conjunto com os alunos. À medida que o professor fazia a leitura em inglês dos itens, os alunos tinham que responder com a forma mais apropriada. Assim, quando ele leu o item “a”, primeiro, fez a leitura em inglês e em seguida traduziu para os alunos, já os perguntando qual dos verbos era mais apropriado na lacuna. Os alunos respondem em inglês a pronúncia correta “eat”, professor. Observamos que alguns alunos já respondiam em inglês a forma verbal flexionada de maneira apropriada e liam o restante da frase em inglês. Percebemos, durante a realização desta atividade, que muitos alunos não tinham dificuldade em pronunciar as palavras em inglês. Por outro lado, alguns alunos não



respondiam os exercícios, se ocupando com atividades paralelas que não tinham a ver com a aula. Quando ocorria um erro seja de pronúncia ou gramatical, o professor imediatamente fazia a devida correção. O segundo exercício segue:

2. Passe os verbos para a 3ª pessoa do singular. Siga o modelo.

*They dance – He dances.*

- a) You try – he \_\_\_\_\_
- b) We buy – She \_\_\_\_\_
- c) We speak – he \_\_\_\_\_
- d) They clean – he \_\_\_\_\_
- e) We mix – she \_\_\_\_\_
- f) Web rush – he \_\_\_\_\_
- g) We go – he \_\_\_\_\_
- h) We catch – he \_\_\_\_\_
- i) They stay – he \_\_\_\_\_
- j) We cook – she \_\_\_\_\_

Os procedimentos para resolução deste exercício seguiram da mesma forma que o primeiro. Foi observada mesma interação entre professor e alunos, ou seja, o professor lia o item em inglês, fazia a tradução e o aluno complementava com a resposta já em inglês. Terminado este exercício, o professor informou aos alunos que na próxima aula ele iria trabalhar a forma interrogativa e negativa do simple presente, assim como as pessoas I, you, we e they.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS

Para uma melhor visualização e análise dos dados descritos no corpus, dividimos este item em dois tópicos que se constituem em perguntas diretivas para a análise, tendo como base buscar responder se uso da língua materna é um recurso válido no processo de ensino aprendizagem de língua inglesa e mostrar em que grau (aspecto) o uso dela facilita o processo de interação entre professor e aluno.

### 4.1 A questão da interação: porque alguns alunos participam respondendo às perguntas do professor e outros não?



Para analisarmos esta pergunta diretiva, destacamos alguns momentos da aula:

*No início da aula: o professor entra e encontra os alunos sentados enfileirados tradicionalmente. Cumprimenta-os em português e os alunos respondem em português. Em seguida, é feita a chamada a também em português. A maioria dos alunos durante este momento se mantem calados prestando atenção no momento em que seus nomes serão chamados para responder também em português. Em seguida, o professor tem uma conversa informal, em português, com os alunos sobre o que será feito nas próximas aulas. Neste momento a maioria dos alunos está prestando atenção.*

*Após a conversa informal, o professor prossegue com o assunto, que na turma em questão, se refere ao simple present. Ele pergunta em português: quando é que usamos o simple present? Nenhum aluno arrisca em responder. O professor prossegue explicando quais as situações em que se utilizava esse tempo verbal. Ele fazia uma comparação do simple present com o presente simples, dando exemplo de frases em português no presente. Pergunta se os alunos têm alguma dúvida, alguns que estavam prestando atenção respondem que não, já outros, que não estavam prestando atenção, não responderam nada.*

Este primeiro momento nos chama atenção para o fato de que a sala arrumada de maneira tradicional poderia se constituir num obstáculo para interação dos alunos durante a aula. De acordo com os PCNs, a maneira como os alunos estão dispostos espacialmente tem implicações diretas para a qualidade da interação e, desse modo, para a aprendizagem. Fato que atestou isso durante a observação é que, durante a aula alguns alunos estavam ativamente participando, interagindo junto com o professor, porém outros não davam a mínima para o que estava sendo dito. Não obstante, devemos tomar cuidado para o fato de que este mesmo documento nos chama a atenção dizendo que essa configuração espacial não é fator determinante para interação, pois “[...] dependendo das características socioculturais do mundo desse aluno, a aprendizagem de língua estrangeira vai apresentar um maior ou menor desafio, tendo em vista a experiência prévia, a função social de aprendizagem de língua estrangeira em sua comunidade etc.”, (p. 61).

A aula observada apresenta um procedimento metodológico que se aproxima do Método da gramática e tradução, apesar de não trazer todos os princípios de orientação



metodológica prescrito por este método. Observou-se que o uso da língua portuguesa durante a aula foi um recurso válido no sentido de chamar a atenção dos alunos a ficarem atentos naquilo que estava sendo exposto. No entanto, nós nos perguntamos por que nem todos os alunos estavam prestando atenção nem respondendo às perguntas do professor. Poderíamos explicar este fato com base nos PCNs, que afirma que para que o aluno seja engajado no discurso para a produção de significado, o professor deve viabilizar atividades que ele seja envolvido com processos sociais de criar significados por meio da utilização de uma língua estrangeira. Soma-se a isso o fato de que o professor deve considerar quando no ensino de uma língua três conhecimentos – sistêmico, de mundo e organização textual. O que se pode observar é que na aula apenas um conhecimento estava sendo considerado, neste caso o sistêmico. Vale acrescentar, ainda, que esta aula esta pautada na visão tradicional de interação, que segundo os PCNs a tradição em sala de aula tem sido explicada por uma visão discursiva considerada típica: iniciação, resposta e avaliação. Os alunos que não se submetem a esta organização discursiva típica são tidos como problemáticos.

Ao mesmo tempo, nesta aula indagamos sobre o porquê de alguns alunos interagirem com o professor. Para nós não há uma causa simples, mas podemos colocar que a escola tradicional atribui papéis definidos tanto para o professor quanto para os alunos. Assim, eles assumem comportamentos previsíveis, ou seja, o professor detém o conhecimento, pergunta e conduz a aula e os alunos, sujeitos passivos da aprendizagem, prestam atenção e só respondem as suas perguntas quando indagados. Este comportamento visto em sala de aula pode ser considerado um conhecimento de mundo, o qual o aluno carrega consigo e sabe que durante a vida escolar é assim que deve se portar nas aulas. Mas no caso desta turma, dentro de uma mesma aula encontramos alunos adaptados (os que participam) ao método tradicional de ensino e outros não adaptados (os que não participam).

#### **4.2 Uso da língua materna: o que se aprende?**

Aqui cabe trazer a título de exemplos dois dos momentos destacados quando descrevemos as aulas:

*O professor prossegue explicando quais as situações em que se utilizava esse tempo verbal. Ele fazia uma comparação do simple present com o presente simples, dando*



*exemplo de frases em português no presente. Pergunta se os alunos têm alguma dúvida, alguns que estavam prestando atenção respondem que não, já outros, que não estavam prestando atenção, não responderam nada.*

*O professor então prossegue explicando a diferença das estruturas das frases afirmativas, interrogativa e negativas em português e explica que em inglês estes três tipos de frase tem estrutura diferente. Ele pergunta se eles tinham dúvida e a maioria gesticula com a cabeça de modo negativo. Dando continuidade, ele faz uma revisão com as pessoas verbais em inglês. Ele explica que existem regras na conjugação para estas pessoas. Durante a revisão das pessoas verbais ele vai escrevendo no quadro e pergunta: “a primeira pessoa em português é...?”, então os alunos respondem: “eu”, a professora pergunta: “e em inglês é como?” os alunos respondem “I” em inglês. Este processo foi utilizado da mesma forma para as outras pessoas verbais, a professora perguntava quem era a pessoa verbal em português e em seguida a correspondente em inglês. No caso para I, YOU, WE e THEY a conjugação segue de uma forma enquanto que para HE, SHE e IT a conjugação segue de uma outra forma. Toda esta explicação era feita em português.*

Vimos que durante a condução da aula, quando o professor explicava o assunto em língua portuguesa sobre a estrutura do simple present, a estrutura das frases afirmativas, das pessoas verbais e na condução do exercício muitos alunos, quando indagados se estavam entendendo, respondiam afirmativamente e durante a resolução do exercício acontecia a mesma coisa. Pelo que se percebeu, como já colocado, o professor tinha suas aulas baseadas em alguns princípios do método da Gramática e Tradução. De acordo com os PCNs, existe uma relação entre a língua estrangeira e a língua de aprendizagem, pois os conhecimentos linguísticos que o aluno tem de sua língua materna pode ajudá-lo no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira fazendo a correlação do funcionamento de uma com a outra. Tal fundamentação dos PCNs encontra fundamentação no método da Gramática e Tradução, nos princípios de que é possível encontrar palavras equivalentes da língua materna em relação a língua alvo; a aplicação de uma regra gramatical explícita é uma técnica pedagógica útil; os alunos devem estar conscientes das regras gramaticais da língua-alvo.



É diante destes aspectos supracitados que inferimos que os alunos nesta aula aprendem o que nos PCNs se denomina de conhecimento sistemático, ou seja, de regras gramaticais da língua inglesa. Tal conhecimento é descontextualizado de situações reais de comunicação o que faz com que os alunos respondam somente a perguntas diretas sobre gramática. E, considerando o método da Gramática e Tradução, os alunos estão apenas aprendendo a ler e escrever em inglês, absorvendo apenas o que é necessário, ou seja, vocabulário e regras gramaticais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como indagação se é válido o uso da língua materna na aprendizagem da língua inglesa e concomitantemente, traçou como objetivos mostrar se o uso da língua materna é um recurso válido no processo de ensino-aprendizagem e, além disso, tentar mostrar em que grau o uso dela facilita o processo de interação entre professor e aluno a partir da observação de aulas de inglês dentro da rede pública estadual de ensino. Assim chegou-se as seguintes conclusões:

- Tendo como base o campo observado, o uso da língua materna dentro das aulas de inglês se constituiu em um fator facilitador da aprendizagem do conhecimento sistemático do conteúdo proposto, porém não foi observado o uso da língua materna como fator importante para a comunicação em situações reais de comunicação;

- Para alguns alunos que se adaptam ao modelo tradicional de ensino, uso da língua materna não prejudicou no processo de interação entre professor e aluno em sala de aula, porém para outros alunos que estavam desatentos, ela não serviu como fator estimulante na aprendizagem do conteúdo nem como recurso motivador para participação nas aulas. Vale aqui ressaltarmos que ela por si só não se constitui em fator suficiente para motivar os alunos a interagirem. Como foi visto, outros fatores como a configuração espacial, modelo tradicional de interação e até mesmo a proposta metodológica do professor são fatores que poderiam ter relação direta com a não interação na aula por parte de alguns alunos.



## REFERÊNCIAS

FREEMAN, Diane Larsen. **Techniques and Principles in Language Teaching**. Oxford University Press, 2000.

FREITAS, Maria Adelaide de. **Uma análise de primeiras análises de abordagem de ensino do professor de língua estrangeira**. Campinas, SP: [s.n.], 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

RÉ, A. D. (Org.). **Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.